



MAGIAS DO KANAIMÎ

KANAIMÀ'S MAGIC

*Manoel Gomes Rabelo Filho**

RESUMO

Pretende-se neste artigo apresentar as realizações do Kanaimî a partir das representações dos Macuxi e Wapichana da Região do *Circum-Roraima*. Nessas representações estão presentes as relações violentas, os rituais e os fatos ocorridos que fazem dele um ser temido pelos diversos povos dessa região. Essas representações se configuram como uma resposta às condições culturais desses povos e ao mesmo tempo uma condição de suas existências. Investigaremos sobre os rituais e ações do Kanaimî, a partir da concepção de magia de Marcel Mauss. Os conceitos elaborados por Mauss serviram de parâmetros para uma comparação e análise. Essas representações acerca dos rituais e de suas violências podem significar uma relação de identidade, mesmo que se pense em processos de oposição em relação a ele, considerando-o como um ser mal. Analisaremos se existe um processo de identidade associador entre os povos desta região com o Kanaimî para entender alguma forma de auto identificação dos próprios povos e de suas relações com os outros povos da região.

Palavras-chave: Religião, Macuxi, Magia, Ritual, Identidade

ABSTRACT

This article aims to present the achievements of Kanaimî from the representations of the Macuxi and Wapichana of the *Circum-Roraima* Region. In these representations are present the violent relations, rituals and events that make him a being feared by the various peoples of this region. These representations are configured as a response to the cultural conditions of these peoples and at the same time a condition of their existence. We will investigate the rituals and actions of Kanaimî, based on the conception of magic by Marcel Mauss. The

* Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2019). Professor de Filosofia do Estado de Roraima. Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado e Pós-graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: mgrabelo@bol.com.br.



concepts elaborated by Mauss served as parameters for a comparison and analysis. These representations about rituals and their violence can mean an identity relationship, even if one thinks of processes of opposition to it as a bad being. We will examine whether there is an associative identity process between the peoples of this region with Kanaimî to understand some form of self-identification of their own peoples and their relations with other peoples of the region.

Keywords: religion, Macuxi, magic, ritual, identity.

Indicamos neste artigo o que fazem os Kanaimîs¹ segundo as representações do Macuxi e Wapichana² da região conhecida como *Circum-Roraima*.³ As narrativas foram elaboradas a partir das entrevistas com 21 pessoas e dois depoimentos concedidos com vistas a elaboração da dissertação de Mestrado em Ciências da Religião em 2012. Adaptamos comparativamente o conceito de magia de Marcel Mauss (2003) a partir da obra *Esboço de uma teoria geral da magia* às representações que esses povos indígenas elaboram sobre o Kanaimî.

A magia pressupõe agentes, atos e representações. Significa que o mágico efetua atos mágicos e as representações mágicas constituem as ideias e as crenças dos povos. Estes atos mágicos e os outros elementos da magia são chamados de ritos mágicos. Não se pode confundir esses atos com outras práticas sociais, pois os ritos mágicos são fatos de tradição que se repetem e sua eficácia é demandada por um grupo que crê, sem o qual não há magia. Os atos rituais são capazes de produzir algo, realizam algo de forma eficaz, são criadores em relação a dadas representações. Estes atos possuem uma eficácia, no sentido de que sua reputação é considerada pelo grupo social a que pertence. (MAUSS, 2003).

Compararemos as ideias de Mauss refletidas na concepção do Kanaimî, pois os povos Macuxi e Wapichana possuem a crença nas suas realizações mágicas. A magia

¹ Kanaimî em língua Macuxi, Kanaimé em Português, *Canaémé* em francês, Kanaima em Espanhol e Kanaimà em Inglês e alemão e Kanaimé em português. Todos estes termos, usados na literatura antropológica da região *Circum-Roraima* desde o século XVIII. Refere-se a um ser misterioso do qual são narrados muitos fatos violentos ocorridos na região e está presente nos seus mitos.

² Refiro-me aos Wapichana (Grupo Aruaque) porque uma das aldeias pesquisadas afirmam ser descendentes dos Kanaimîs. Além do mais há proximidade geográfica entre eles e os Macuxi (Grupo *Karib*) apesar de pertencerem a grupos linguísticos diferentes.

³ Região localizada nas fronteiras entre Brasil, Venezuela e Guiana ocupada por diversos povos indígenas entre eles os Macuxi e Wapichana. Existe uma diversificação na geografia da região, algumas com savanas, outras montanhosas com campos e florestas e ainda a região banhada pelo rio Branco e seus afluentes, a qual possui uma região de campos nativos denominadas de lavrado.

realizada pelo Kanaimî perpassa pelo uso de plantas medicinais e ou malélicas e os encantamentos da pronúncia de palavras – representadas por esses povos como oração e reza –, chegando até aos rituais específicos que se realizam após a morte da pessoa envolvida pela magia. Analisemos esta representação narrada por um Macuxi em entrevista ao ser perguntado *o que você sabe sobre o Kanaimé?* A primeira indicação é a sensação de medo em relação à morte causada por ele:

Rapaz o kanaimé é uma coisa muito séria. Na verdade quanto eu comecei a me entender, falando do kanaimé, nos anos 60, até antes, realmente, na verdade hoje existe o kanaimé. Quando eu cheguei a me entender conheci 4 pessoas que foram mortas pelo kanaimé. Eu tinha muito medo do Kanaimé, então minha mãe contava o kanaimé faz isso, o kanaimé faz isso ... e eu fiquei com muito medo. (RABELO FILHO, 2012, Entr.: n. 4, p. 22-23).

Num segundo momento o mesmo entrevistado mostra a reputação do Kanaimî em relação à possibilidade de mortes que lhe são atribuídas e indicam um povo da região – os Ingaricó – que segundo as representações de Macuxi e Wapichana possui esse ser morando com eles.⁴ O entrevistado indica a crença na sua existência e atesta mortes causadas por ele:

Eu cheguei a ver duas pessoas morrer atingidas pelo kanaimé, o kanaimé que tinha matado. E na época era muito ruim, além de ser ruim, triste. A pessoa segundo a história, e é verdade mesmo, então eu não sei de onde são os kanaimés. Segundo eles dizem que é ... gente até acusa os Ingaricó que na época eram kanaimé. Eu nunca vi realmente, mas dizem que são kanaimé (Ibid., p. 23).

Outra indicação do mesmo entrevistado demonstra que o Kanaimî usa as plantas, aqui não reconhecidas por ele, mas que é possível que seja o tajá, do qual ouve-se muitas vezes este tipo de planta estar a ele associada. Há também o uso das orações e rezas que nesta representação são usadas por ele, bem como o fato de se transformar em animais, o que é comum a todas as representações indicadas nas entrevistas:

Aí na Guiana, tem os locais aí que tem esses kanaimés. Só que são pessoas, só que eles usam certo tipo de planta, eu não sei que planta é. Eles tem as orações, então, usando as plantas e orações, eles se

⁴ As afirmações de que o outro povo seriam Kanaimî é comum nas representações e são criados certos processos de diferenciações identitárias. O outro como Kanaimî é interpretado como diferencial, demonstrando uma espécie de distanciamento no contexto dos diversos povos da região *Circum-Roraima*.

transformam em outro animal, esse ... falam que se veste em roupa de tamanduá, de anta. Na verdade isso a minha mãe contava muito, como é que era isso mesmo. E depois vinham de certos lugares, quando eles [tentavam] matar, na verdade nos anos passados, eles matavam mesmo. A pessoa passava dois três dias. E aí o kanaimé ... e a gente ... quando a pessoa morre de kanaimé, aí é coisa feia (Ibid., p. 23).

As condições em que são atribuídas as “mortes de Kanaimî” como referenda as representações são constituídas de uma série de magias, que segundo vários entrevistados finaliza quase sempre com a morte da vítima atacada ou sua saúde seriamente comprometida. Os ritos possuem uma sequência que inicia com a pronúncia das palavras encantadas (reza, oração) e que depois podem ser seguidos de violência e um encantamento para fazer a pessoa esquecer ou não comentar com ninguém sobre o ocorrido. A pergunta feita aos dois entrevistados foi: *o que você sabe sobre o Kanaimî?*

[...] Através disso eles vão matando as pessoas. Através desta inveja eles vão matando as pessoas. Acontecem as mortes. Eles judiam, aí voltam, sei lá, eles tem um negócio que faz a pessoa tornar de novo e depois. Torna de novo e noutro dia já começa a piorar e aí morre. É fica inconsciente, agora ela não pode contar. Aquela pessoa que tá doente, que judiaram não pode contar e já morre e não sabe porque. [porque não contam?] eu não sei, eles que tem um “negócio” pra não falar nada (RABELO FILHO, 2012, Entr.: 1, p. 1).

[...]

E aí do nada um parente foi cercado, o kanaimé tem a atitude de fazer com que também reza pra pessoa pra induzir a pessoa ao erro. (Ibid., Entr.: 3, p. 13-14).

O “negócio” comentado pelo primeiro entrevistado (Entr.: 1) é a magia, o encantamento, o feitiço dos quais o Kanaimî lança para fazer o que quiser com a pessoa. Eles fazem parecer que está bem de saúde, as pessoas atacadas não informam o ocorrido, quando na verdade já foi “encantada” por ele através de seus ritos mágicos iniciais.

Mauss (2003, p. 57) afirma que em práticas médicas são usadas as palavras, os encantamentos, as observâncias rituais ou astrológicas e que são mágicas, “é aí que jazem as forças ocultas, os espíritos, o que reina todo um mundo de ideias que faz que os movimentos, os gestos rituais, sejam reputados detentores de uma eficácia muito especial, diferente da eficácia mecânica”. As ideias do autor, ao que parece, sintetizam o que seria a magia do Kanaimî, porque suas realizações ocultas,

dissimuladas são representadas como conduzidas por espíritos. Quando o entrevistado 3 afirma que o Kanaimé já tinha rezado para ele, é uma referência à magia de encantamento e do qual havia sido “aplicada” nele de forma dissimulada:

[...] Por exemplo, o parente chegou quatro horas da tarde da roça na sua casa, e do nada deu vontade dele querer caçar. Olha vou sair pra caçar, [e a mulher]. Olha acabamos de chegar vou preparar uma comida pra nós. E ela falando, eu vou ficar com quem? [...] não, eu vou caçar, vou caçar rapidinho. Porque no meio do caminho o kanaimé já tinha rezado pra ele, pra ele retornar. (RABELO FILHO, 2012, Entr.: n.3, p.14).

A sua eficácia se verifica nos benefícios ou malefícios que são constantemente demonstrados pelos povos Macuxi e Wapichana. O entrevistado 3 confirma a eficácia do malefício relatando o fortalecimento de seu espírito:

Aí pronto saiu pra caçar, e chegou sete horas da noite, oito e nada de voltar e mulher ficou preocupada. Chamou lá os vizinhos o fulano até agora não voltou, [...] e foram atrás e encontraram ele morto, encontraram a pessoa morta. Aí chamaram a família toda noutro dia e velaram o corpo, tudo. [E disseram] que foi kanaimé que matou ele. Foi kanaimé, foi kanaimé. (RABELO FILHO, 2012, Entr.: n.3, p. 14).

Com o prazo de três dias a pessoa adoece, sem descobrir qual tipo de doença, e depois morre. A seguir ocorrem os rituais referentes à possíveis retiradas de restos mortais com o retorno do Kanaimê para violar o sepulcro. Ele faz este retorno para se alimentar do corpo do morto e fortalecer seu espírito:

Aí então a família se reuniu e fizeram o enterro do corpo do parente, aí a família dele foi lá esperar lá na cova do cemitério quem ia aparecer lá. Normalmente o kanaimé quando mata e quando enterram, os familiares do falecido enterram, os kanaimés se transformam em animais ou se vestem em couro de animais e vão para o cemitério, ir lá comemorar e fazer o ritual do kanaimé. E normalmente eles dizem que é chupar o sangue da vítima, então ele chupando sangue fortalece mais, fortalece o espírito do mal dele, pra combater outra vez, pra combater ainda mais as pessoas (RABELO FILHO, 2012, Entr.: n.3, p. 14).

Outra informação apresentada por Mauss (2003, p. 58) que pode orientar as magias do Kanaimê é a interdição, na qual os ritos maléficis são ilícitos e, portanto, proibidos e punidos. As interdições representadas por Macuxi e Wapichana acerca do Kanaimê é extremamente punitiva, pois, se houver atentado contra uma pessoa,

possivelmente sofrerá com a morte também. Ao ser perguntado sobre se havia ocorrido algum problema que fora solucionado na aldeia o entrevistado 21 disse:

Um dia desses mataram um kanaimé, porque este homem estava impossível. Em São Pedro está com dois ou três anos que mataram mesmo. O pessoal foi lá para visitar ele, aí tomaram o pajuaru⁵ dele e quando chegou disse: Quando chegar no meio do caminho eu mato eles. O próprio dono da casa, aí não tinha outro apelo [outra opção], aí investigaram ele e disseram que tinha matado mesmo, que ele era kanaimé. Aí deram um “acocho” nele pra botar ele na forca ... Ele era vizinho mesmo. Várias malocas chegaram para participar dessa morte dele, vizinhos mesmo. As Malocas do Marimari, do São Pedro, [...] do Vivala, Cararual, Guariba, [...] foram olhar a morte dele lá. Porque não dava não. [Ele] estava virando como kanaimé, como se fosse um lobisomem, transformando em tudo. E de repente mataram o homem e não queriam mais acreditar [...] já vinham perseguindo muito. Aí descobriram que ele era casado com outra mulher e tinha matado ela e uma filha e um menino e outra pessoa. Aí foram lá mataram ele [...]. (RABELO FILHO, 2012, Entr.: 21, p. 89).

A morte do Kanaimî é considerada necessária nas representações Macuxi e Wapichana, pois só assim resolveria o problema e evitaria perigo maior, tanto para aldeia de morada dele quanto para outras aldeias próximas e ainda, como informa o entrevistado 21, para a sua própria família.

Em relação às defesas contra possíveis inimigos Mauss (2003, p. 59) refere-se “às imprecizações contra o inimigo da cidade, contra o violador de uma sepultura ou de um juramento, enfim todos os ritos de morte que sancionem interdições rituais”. O contexto apresentado por Mauss reporta-nos aos malefícios atribuídos ao Kanaimî pelas representações dos Macuxi e dos Wapichana, em especial em relação a violação de sepulturas, pois, quando a prática de um mau é atribuído ao Kanaimî, este viola a sepultura para finalizar seu ritual, bebendo dos restos mortais como se fosse caxiri – bebida produzida a partir da mandioca fermentada. Este tipo de situação aparece em diversos entrevistados, sendo considerado comum, como indica o entrevistado 16, que apresenta todos os passos até chegar ao seu ritual:

Daí o que é que ele faz, ele faz a trama dele, assobia, e através do assobio a pessoa já se assusta, perde a cabeça, fica só com o grito dele e outro vem por trás, pega ou caceta, mata, quebra, tira o pênis da pessoa, se for da mulher também tira também a “coisa” dela. Ele enfia folha dentro, ele amara lá dentro, enfia pau, daí ele tem o poder

⁵ O pajuaru é uma bebida semelhante ao caxiri, considerado mais alcoólico, seu processo de fermentação dura dias a mais em relação ao caxiri comum.

de levantar a pessoa. Se é pra três dias é três dias que a pessoa passa. Depois ele assopra nas narinas da pessoa e a pessoa levanta boazinha. Vai embora pra sua casa, e aí começa a dar febre, já fica ruim e tudo e ninguém sabe o que é. Eles só ficam arrodando e vendo se está passando mal ou não. Daí com o passar das horas ali, se for três dias que ele calculou então a pessoa morre. Depois de morrer, é uma alegria pra eles, é uma alegria, eles esperam as pessoas apodrecer e depois de vários dias assim eles vão pra lá. Porque uma sepultura pra ele é igual uma casa, ele chegando lá. Chegam lá e o que é que eles vão fazer. Essa pessoa que ele matou recebe ele, já com uma cuinha, a cuinha é essa, a nossa cabeça. O caxiri já é o miolo da pessoa que apodrece e dão pra pessoa. Daí eles vão dar para cada um tomar, um golinho pra aqueles, dizem que é muito gostoso e depois eles vão virar os lobisomens, virar tamanduá, virar uma onça, virar todo tipo de animal. Daí eles vão começar e já viraram o bicho, lobisomem, porque já provaram da embiara deles (RABELO FILHO, 2012, Entr.: n. 16, p. 70-71).

Os comentários do entrevistado 16 indicam um tipo de magia violenta, mostrando todas as passagens dos ritos mágicos. Desde o início com o “lançamento” do encantamento através da “oração” até o rito realizado após a morte da vítima. Ele também afirma a necessidade de o Kanaimî realizar esses rituais para que fiquem fortalecidos e consigam se transformar em animais e realizar outras magias e encantamentos.

Ao apresentar como são os malefícios Mauss (2003, p. 59) afirma que “pode-se mesmo dizer que há malefícios que só o são em relação aos que os temem. A interdição é o limite do qual a magia inteira se aproxima”. As representações dos indígenas da região *Circum-Roraima* acreditam que os malefícios do Kanaimî só “enfeitiçam” os próprios povos indígenas da região. Na visão destes povos é difícil essa magia recair sobre os não índios, visto que eles não acreditam. Noutro sentido Mauss (Ibid.) indica os dois polos da magia e da religião: polo do sacrifício, polo do malefício e que os pedidos são alcançados com hinos, votos, sacrifícios e as interdições protegem. Numa pesquisa interessante sobre o conjunto de interdições em uma aldeia Macuxi-Wapichana, Giovana Tempesta (2004) apresenta uma série de interdições dietárias e de atividades que são seguidas e orientadas pelos indígenas da aldeia e que em grande parte quem desobedece tais proibições são punidos pelos diversos espíritos que promovem o mau, inclusive o Kanaimî.

Quanto ao que Mauss (2003, p. 59) informa acerca dos malefícios promovidos pela magia “em torno do qual se formou os ritos mágicos e que sempre oferece os

contornos principais da imagem que a humanidade formou da magia”. O referido autor afirma que entre os dois polos citados - sacrifício e malefício – “dispõe-se uma massa confusa de fatos cujo caráter específico não é imediatamente evidente”.

Neste sentido, desde o início do século XX, viajantes e estudiosos o apresentam como um ser maléfico. Koch-Grünberg (2006) afirmou que o Kanaimî é “assassino e espírito maligno”, mas que muitas das informações acerca dele não são bem precisas, pois os relatos feitos por indígenas eram narrativas que apresentavam muitos contrastes e grande complexidade. Permanecem as concepções trazidas por Mauss em relação ao sacrifício e malefício atribuído a Kanaimî, mas que também são simbolizados na representação dos indígenas como fatos de violência atribuídos a ele. O que podem ser também fatos comuns da vida diária que requeiram uma explicação mais rebuscada.

Métraux (1944a; 1944b) entende que a função do Kanaimî é causar enfermidades e possui a especialidade de causar o mal. Joanna Overing (1984) não observa nele uma especialidade, mas procura identificar a posição dos seres no mundo e as práticas rituais realizadas para melhor entendê-lo. Observamos que há uma identificação entre os índios da região do *Cicum-Roraima* com o Kanaimî, podendo associarem-se a ele de diversas formas, seja para solucionar problemas referentes à própria aldeia ou pessoais, mas representa algo perigoso.

As práticas rituais, amplamente estudadas por Neil Whitehead, os rituais denominados de *piya*, *Alleluia* e *kanaimà*, traduzidos como pajelança, são realizados em contextos mágicos, numa perspectiva de produção de um feitiço chamado de *Shamanic Complexes* (Complexo xamânico) (WHITEHEAD, 2002).

Araújo (2006) refere-se às suas práticas rituais, concluindo que a complexidade apresentada do Kanaimî seria uma linguagem, modo de expressar a violência, predação existente no mundo, uma linguagem para expressar situações sem possibilidade de negociação, que possui uma destruição sem chance de defesa. Melvina Araújo (2006, p. 141) compreende ser terrível o ataque do Kanaimî, restando apenas esperar pela morte. O seu ataque é fatal, irreversível e não existe possibilidade de cura. As mortes não explicadas, as doenças mal resolvidas e covas reviradas

significam modos de sobrevivência do Kanaimî. No ataque às vítimas, ele procura matar para voltar à cova e alimentar-se de restos mortais, num ritual de necrofagia.

Os atos mágicos ilícitos são referidos por Mauss (2003, p. 59) como atos ocasionais do culto individual, com “práticas mágicas associadas às técnicas, as da medicina, por exemplo.” O Kanaimî pretende matar suas vítimas, realizando os rituais mágicos e com elas realizar rituais com técnicas bem específicas, incluindo a retirada do intestino para pôr folhas na barriga através de incisões ou através do ânus. A magia representa para os índios do *Circum-Roraima* uma cerimônia mágica realizada pelo Kanaimî que possui aspectos específicos. A pessoa adoece, não fala com ninguém o que sente e essa falta da comunicação é atribuída à sua magia.

Esses ritos proibidos assemelham-se às características apresentadas por Mauss (2003, p. 60), que diferente do rito religioso é realizado “nos bosques, longe de habitações, na noite ou na sombra, ou nos recônditos da casa, isto é, num lugar isolado”. O que caracteriza a realização da magia aproxima-se das representações dos indígenas Macuxi e Wapichana, visto que além de proibido, o Kanaimî celebra ritos escondidos, os quais ninguém nunca viu, mas aparecem os sinais da sua realização. Estes sinais são a pessoa doente, podendo morrer, as escavações feitas nas covas após o enterro, o que se supõe que seja ele porque o seu ritual mágico exige o contato com os restos mortais para beber o sumo que é exalado do corpo em putrefação.

O Kanaimî dificilmente aparece em público e quando acontece assemelha-se aos aspectos apresentados por Mauss (2003, p. 60), pois “quando é obrigado a agir diante do público, o mágico busca evadir-se, seu gesto se faz furtivo, sua fala indistinta; o médico-feiticeiro, o curandeiro que trabalha diante da família reunida, murmura entrementes suas fórmulas dissimula seus passes e envolve-se em êxtase fingidos ou reais”. O Kanaimî como um mágico esconde-se, mantém-se reservado e “com mais forte razão quando se retira no fundo dos bosques”. Quando visto ele se acanha, finge ser “gente” e frequentemente busca se isolar para dar à sua magia o mistério necessário. Em referência a estes aspectos Mauss (Ibid.) explica que “o isolamento, como o segredo é um sinal quase perfeito da natureza íntima do rito mágico”. O fato de realizar atos isolados ou atos coletivos, isto é, usando comparsas

ou só, o rito mágico “é sempre obra de um indivíduo ou de indivíduos que agem de modo privado; o ato e o ator são cercados de mistérios”. Pode-se dizer que o Kanaimî também realiza coisas misteriosas e envolve suas vítimas que nunca irão apontá-lo, por causa de sua ação mágica que impede as pessoas de falarem sobre se foram por ele atacadas.

Os ritos mágicos são considerados irreligiosos, isto é, não fazem parte de um sistema organizado de culto, pelo menos no que se refere à religião, o que no entender de Mauss (2003, p. 60), representa algo irregular, anormal, pouco estimável, diferente do rito religioso que faz parte do que é considerado normal enquanto culto, seja ele um tributo às divindades, um voto, um sacrifício expiatório por doença. A magia não é algo obrigatório, como no caso dos ritos médicos que são considerados lícitos e da mesma forma não existe formalidade como no rito religioso. As condições expostas por Mauss (Ibid.) são de que “há necessidade, e não obrigação moral, no recurso ao médico-feiticeiro, ao proprietário do fetiche ou de espírito, ao curandeiro, ao mágico”. Assim, a realização do ritual do Kanaimî representa para os Macuxi e Wapichana algo que é necessário para ele e não uma obrigação, no sentido de constituir-se uma instituição para a qual os indígenas sentem-se a ele ligados e representem algo cotidiano para cada povo. É possível que os povos o considerem um culto mágico, assim como consideram mágicas as atividades dos pajés, assemelhando-se aos cultos religiosos em alguns aspectos, mas que não faz parte da organização cúltica lícita. Desta forma, podemos indicar o rito mágico atribuído ao Kanaimî como o define Mauss (2003, p. 61): “Chamamos assim *todo rito que não faz parte de um culto organizado*, rito privado, secreto, misterioso, e que tende no limite ao rito proibido.” Na magia existe o mágico, a cerimônia, o isolamento, assim como a sua eficácia particular para a realização de um benefício ou malefício. O caso do Kanaimî tem para os índios um significado simbólico associado a malefícios, sendo que os benefícios a ele atribuídos são apenas a alguns de seus pares e familiares.

Se considerarmos o Kanaimî como o mágico, isto é, aquele que age através de ritos mágicos, seja como um profissional ou iniciante, atuando por meio de receitas caseiras, nas realizações do benefício agrícola, na caça ou na pesca, entenderemos melhor suas ações violentas. Em relação a isto, Mauss (2003, p. 62) afirma que o mágico ultrapassa o estado normal e por causa disso “ele se acha em posição de

operar com proveito”. Para isso realizou suas interdições, sexuais, alimentares e com gestos específicos, “por um instante ao menos, o rito faz dele um outro homem”. No caso do Kanaimî podendo passar de espírito a homem, de homem a animal, mesmo que ele apenas se esconda atrás de uma pele de animal, como ocorre em alguns casos citados por Whitehead (2002) em que diversas vezes são encontrados vestidos na pele de onça, com máscaras.

As fórmulas mágicas que segundo Mauss (2003) podem até ser banais, mas há uma relação de propriedade da qual o mágico detém, pela sua qualificação em usá-la como receita em determinado ofício, desde que exista uma relação de ancestralidade, crença pública, apresente-se com qualidades mágicas. Este tipo de investidura, se assim considerarmos o Kanaimî, dá um tipo de poder que na representação dos povos do *Circum-Roraima* ele possui a partir dos ensinamentos dos seus ancestrais e que foi demonstrado em algum momento para que ele pudesse acreditar estar investido deste poder. Desta forma, consideramos que “os membros de uma sociedade secreta podem também ser dotados, em razão de sua iniciação; de poder mágico; do mesmo modo, os de uma sociedade completa na qual a iniciação desempenhe um papel considerável” (MAUSS, 2003, p. 63).

Entre as semelhanças em relação ao Kanaimî podemos destacar o fato de se constituir um mágico secreto, que obteve processo de iniciação como caminho de aprendizagem, pelo menos é o que se apresenta nas representações dos Macuxi e Wapichana. O seu papel é muito significativo, visto que entre estes povos ele se apresenta como uma figura pertencente ao seu grupo social ou de povos próximos, indicando assim uma relação identitária da qual os povos da região não deixam de considerar como algo específico de sua cultura.

A especialidade do mágico o qualifica como tendo uma habilidade especial. No entanto, existem ritos que todos podem fazê-los, mesmo sem ter tal habilidade. Conhecendo a receita o praticante o realiza e embora não requerendo conhecimentos profundos possa, pela repetição, simplificar ainda mais os seus ritos. O que Mauss (2003, p. 63) sinaliza é que,

em todos os casos, resta ao menos o conhecimento da receita, o acesso à tradição, para dar, a quem a segue, um mínimo de qualificação. Isso deve-se dizer, como regra geral, que as práticas

mágicas são efetuadas por especialistas, os mágicos. Sua presença é assinalada onde quer que as observações tenham sido suficientemente aprofundadas.

Um dado interessante a se perceber em relação ao Kanaimî, a respeito da condição de especialidade como mágico, é que as exigências não são grandes para que ele possa atuar. Ainda que se reconheça que quando é um Kanaimî novo, os seus feitiços não são muito “fortes”, ou pelos menos não o suficientes para matar uma pessoa ou para causar tantos males, como é o caso do especialista. É considerado mágico de maneira suficiente na medida em que sua eficiência é reconhecida pelos povos do *Circum-Roraima* e este reconhecimento é dado àqueles com potencial ofensivo devidamente observados.

O exercício da magia empreendido pelo Kanaimî responde a certos aspectos culturais importantes, visto que, mesmo sendo repulsiva a sua conduta, são reconhecidamente visibilizados como pertencentes a um grupo social específico. O entrevistado n. 9 refere-se a Kanaimî “novos” como fracos e “velhos” como fortes, indicando o nome rabudo em referência a eles:

Essa é que a história do rabudo [Kanimé]. Mas ele vem de “faz tempo”, isso é de natureza, faz tempo. Agora hoje, ... [Porque espera três dias?]. Aí está esperando a criança apodrecer. Quando é velho, diz eles, é forte. Quando é novo como esse daqui não está forte. Aí tem um negócio de taboca lá [...] não está forte. Agora se matar [...] aí está forte. Aí espalha, aí vira lobisomem, como diz eles, vira bicho, vira macaco, vira gato, vira galinha, vira tudo, vira qualquer animal, tamanduá. Assim é a história do rabudo (RABELO FILHO, 2012, Entr.: n. 9, p. 70-71).

O Kanaimî quando é eficiente em relação à morte, ou seja, quando mata é considerado forte, porque ele é velho, quando apenas assusta as pessoas, e não causa maiores danos à saúde, é considerado novo, jovem e fraco. Seus “feitiços” ainda não alcançaram a maturidade.

O Kanaimî é considerado animal, gente e espírito. É representado como repugnante enquanto bicho, pode ser gente que usa violência e espírito enquanto lança seus feitiços mágicos para causar as doenças. Ele é a figura do inimigo político, aqueles que discordam da demarcação das terras indígenas, quando o processo de demarcação estava em curso. O Kanaimî possui uma vida social, pois ele tem sua

tribo e sua aldeia, mas se esconde na pele dos animais. Ele pode quebrar os ossos das vítimas usando um martelo de madeira e os povos informam que antigamente as doenças eram atribuídas a ele.

A morte é a vitória da desordem a qual é provocada pelo Kanaimî, em sentido contrário “o rito funerário Wapischana era também uma forma de restabelecimento da ordem” (CIRINO, 2009, p. 131).

O Kanaimî é considerado como umas das entidades malignas que age por meio de um feiticeiro para matar as pessoas e que causa certos males dos quais são impossíveis de se defender. Tal entidade é considerada perigosa, além da morte, pode causar infortúnios físicos. Ouvia-se o nome Kanaimé nas constantes conversas entre os índios da região à época de Koch-Grünberg – entre 1911 e 1913. As doenças graves ou vários falecimentos sem explicações eram atribuídos à desgraça do Kanaimé (CIRINO, 2009).

No entender de Koch-Grünberg (apud CIRINO, 2009, p. 125) o Kanaimé pode ser uma pessoa, o vingador de uma ofensa ou executor da vingança de um assassinato. Ele persegue as vítimas por anos até alcançá-la e obter seus objetivos. É um assassino clandestino que vaga à noite, sendo, portanto, um homem mal que usa feitiçaria para prejudicar os outros. Eles “fazem Kanaimé” – expressão usada para indicar aquele que pratica esses males. Para este autor existem tribos inteiras de Kanaimés. Elas são vizinhas hostis em que pelo fruto de inimizade anterior se tornou uma amizade duvidosa. Consideram-nas Kanaimé de forma aberta ou secreta. Pode acontecer que uma tribo chame a outra desta forma.

O Kanaimé coloca pele de jaguar para assustar sua vítima que adoece e morre. Costuma usar maço (martelo de madeira) para quebrar os ossos da vítima que ao retornar à maloca morre de febre em poucos dias. Seus ataques são à noite e em geral quando as pessoas estão sozinhas. Além disso podem tomar uma substância que os deixam invisíveis. (CIRINO, 2009, p. 125)

Por meio de uma definição meio obscura, o fenômeno do Kanaimî entre os índios é considerado sempre “[...] o inimigo secreto, algo imprevisto, muitas vezes

inexplicável, espectral do qual não se pode proteger” (KOCH-GRÜNBERG apud CIRINO, 2009, p. 125).

O que foi interpretado pelas representações de Macuxi e Wapichana e pela literatura sócio antropológica referenda algo comparado ao mágico, ao mago que realiza magias e feitiços. Aproximando melhor o conceito de magia apresentado por Marcel Mauss (2003, p. 126) como “complexa, ela compreende primeiramente a idéia de poder ou, melhor ainda, como a chamaram de ‘potencialidade mágica’. É a idéia de uma força da qual a força do mágico, a força do rito, a força do espírito são somente as diferentes expressões, conforme os elementos da magia”.

Compreendendo assim que as forças mágicas demandadas por Kanaimî são forças empreendidas de maneira a exercitar o seu poder de magias e feitiços por eles empreendidos, ou seja, a sua força mágica, através dos ritos realizados canalizam os feitiços para alguns grupos sociais que são suas vítimas.

Quanto à realização do rito do Kanaimî outra informação que acrescenta novidades a esta relação é que

[...] nenhum desses elementos agem enquanto tal, mas, precisamente enquanto é dotado, seja por convenção, seja por ritos especiais, desse caráter mesmo de ser uma força, e uma força não mecânica, mas mágica. Desse ponto de vista aliás, a noção de força mágica é inteiramente comparável à noção de força mecânica. Assim como chamamos força a causa dos movimentos aparentes assim também a força mágica é propriamente a causa dos efeitos mágicos: doença e morte, felicidade e saúde etc (MAUSS, 2003, p. 141).

Associando a concepção de magia através dos feitiços (oração, reza), o Kanaimî realiza ações violentas das quais os povos Macuxi e Wapichana estão diretamente envolvidos tanto em seus efeitos quanto em suas causas. Eles dizem que também no seu meio há Kanaimî, referendando uma espécie de identidade em relação a ele e ao mesmo tempo uma oposição em relação a seus atos de violência.

O rito de magia do Kanaimî, a partir do conceito apresentado por Mauss, pode ser interpretado como a ação de forças “espirituais” e mecânicas, nos quais seus efeitos, ou seja as doenças causadas por ele, esses povos tem enfrentado, com tentativa de soluções e identificações na tentativa de resolver o mistério referente a

esse ser de múltiplas faces. Mas pode significar importante fonte inspiradora de suas existências, uma vez que não são Kanaimî e possuem suas próprias etnias, o que os tornam diferentes em relação a eles. Desenvolvem uma identidade que os tornam diferentes em relação a um possível ser que realiza o mal.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Melvina. **Do corpo à alma: Missionários da Consolata e índios missionários em Roraima.** São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2006.

CIRINO, Carlos Alberto Marinho. **Boa nova na língua indígena: contornos da evangelização dos Wapichanas.** Edit. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2009.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. *In: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia.* São Paulo: CosacNaify, 2003.

METRAUX, Alfred. La causa y el tratamiento mágico de las enfermedades entre los indios de la región de tropical sud-americana. **América indígena**, v. IV, n. 2, p. 157-64, 1944a.

METRAUX, Alfred. Le chamanisme chez les indiens de l'Amérique du sud tropical et II. **Acta Americana**, v. II, n. 3 e 4, p. 197-219, 320-41, jul/set e out./dez. 1944b.

OVERING, Joanna. Elementary structure of reciprocity: a comparative note on Guianense, Central Brazilian, and North-West Amazon socio-political thought. **Antropológica**, v. 52-62, 1984.

RABELO FILHO, M. G. Entrevistas com os Macuxi: Pajé (Piya'san), Kanaimé (Kanaimî) e Rezador (Tarenpokon). Realizadas entre 2011 e 2012 para elaboração da dissertação de mestrado. Boa Vista, 2012. [Texto digitado]. *In: RABELO FILHO, M. G. A representação social do Kanaimî do Piya'san e do Tarenpokon nas Malocas Canta Galo e Maturuca.* 2012. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Ciências da Religião da UNICAP. Recife: 2012.

TEMPESTA, Giovana. **A produção continuada dos corpos.** Práticas de resguardo entre os Wapichana e Macuxi em Roraima. Dissertação (Mestrado), 2004. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2004.